

JORGE E MADAME OHARA NAS LINHAS DA SEXUALIDADE: O TEXTO TRANSVERSAL E O DIFERENCIAL DA SOCIOPOÉTICA

Letícia Carolina Pereira do Nascimento¹
Shara Jane Holanda Costa Adad²

RESUMO

O presente texto apresenta o texto transversal como dispositivo na abordagem de pesquisa Sociopoética capaz de promover um maior diálogo entre pesquisadores e copesquisadores de modo a garantir um pensamento heterogêneo na pesquisa. Para tanto, trazemos o exemplo de uma pesquisa concluída que teve como a sexualidade na escola como tema gerador, e por objetivo analisar as linhas de pensamento dos jovens do ensino médio de uma escola pública em Ilha Grande (PI) por meio de ideias e confetos produzidos sobre o tema sexualidade na escola. Após a produção dos dados, uma análise classificatória agrupou os dados por meio de convergências em seguida o estudo transversal promoveu conexões entre ideias opostas, ambíguas, favorecendo assim a heterogeneidade do pensamento. O estudo transversal resultou na produção de um texto literário intitulado: Jorge e Madame Ohara Rubi nas linhas da sexualidade na escola. A partir do referido texto foi realizada uma oficina de contra-análise, momento o texto foi lido coletivamente e que os jovens da Ilha, copesquisadores dessa pesquisa, entraram em contato com os dados produzidos na pesquisa, reafirmando pontos, contrapondo, ampliando, movimento as linhas de pensamento sobre a temática sexualidade na escola. Por fim, compreendemos que os estudos transversais e a contra-análise produzem uma heterogênese do pensamento, trazendo a pesquisa uma condição nômade de aprendizagem coletiva.

Palavras-chave: Sexualidade na escola, Sociopoética, Texto transversal, Jovens.

LINHAS INTRODUTÓRIAS

A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
(Manoel de Barros)

O presente texto é resultado de uma pesquisa de mestrado concluída que teve por objetivo analisar as linhas de pensamento dos jovens do ensino médio de uma escola pública em Ilha Grande (PI) por meio de ideias e confetos produzidos sobre o tema sexualidade na

1 Pedagoga, Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI/PPGED). Professora Assistente do Curso de Pedagogia da UFPI, campus de Floriano-PI. Vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Educação, Gênero e Cidadania” – NEPEGECEI e pesquisadora do Instituto Brasileiro Trans de Educação - IBTE. E-mail: lecarolpereira@gmail.com;

2 Cientista social, especialista em História do Piauí, Doutora em Educação. Professora Associada da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Integra o Programa de Pós-graduação em Educação, da UFPI. Coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Educação, Gênero e Cidadania” – NEPEGECEI e do Observatório das juventudes e violências nas escolas – OBJUVE. E-mail: shara_pi@hotmail.com.

escola. A pesquisa, realizou-se por meio da abordagem de pesquisa Sociopoética que traz dispositivos diversos para a produção coletiva de conhecimentos com o corpo e a arte.

O grupo-pesquisador é o coração pulsante da Sociopoética, mobilizando o corpo, atravessado pela arte, é a partir do coletivo que os conhecimentos são produzidos. Para além da produção, a Sociopoética, pensando a pesquisa de modo ético, prevê momentos em que os copesquisadores participem do processo de análise dos dados. É nessa perspectiva que esse trabalho trará o modo como os jovens da Ilha, os copesquisadores dessa pesquisa, tiveram a oportunidade de acessar a análise realizada pelos pesquisadores oficiais.

De modo específico, o presente texto trará o uso do texto transversal na pesquisa Sociopoética e a maneira como este dispositivo possibilita aos copesquisadores da pesquisa, o que o poeta Manoel de Barros chama de “transver o mundo”. Assim, o texto transversal permite aos copesquisadores ver suas produções imagéticas e textuais de outro modo, olhar mais uma vez para elas e assim continuar a produzir suas palavras sobre o mundo da pesquisa.

LINHAS METODOLÓGICAS

Para Gauthier (2012) a Sociopoética é uma abordagem filosófica de pesquisa que se pauta em princípios que ao mesmo tempo em que garantem a singularidade do método, permitem invenções e artistagens diversas daqueles que se atrevem a desviar-se dos cânones tradicionais da pesquisa científica em educação. São 5 (cinco) os princípios, a saber: a) produzir conhecimento em grupos, o que garante uma heterogeneidade de afecções; b) pensar com o corpo todo, em suas dimensões sensíveis; c) pensar com a arte, explorando possibilidades estéticas; d) pensar com as culturas de resistência que historicamente possuem seus conhecimentos subalternizados pela epistemologia dominante; e) princípio ético e espiritual de responsabilidade social na produção dos conhecimentos humanizados.

Apesar de possuir os referidos princípios, é notável compreender que o grupo-pesquisador é um diferencial da sociopoética, nestes termos

[...] os cinco princípios da Sociopoética convergem simultaneamente para o objetivo de potencializar o grupo-pesquisador enquanto filósofo ou intelectual coletivo que cria pensamento mediante confetos (conceitos perpassados de afetos), realizando assim uma produção que o singulariza perante outras práticas grupais, notadamente com relação à pesquisa participante e pesquisa-ação (PETIT; ADAD, 2018, p. 136)

O grupo-pesquisador faz circular os demais princípios, é o motor da pesquisa, participando ativamente em variadas etapas das investigações sociopoéticas. Ao grupo é

atribuída uma função filosófica de pesquisa por meio da criação de confetos, que são conceitos perpassados por afetos. É útil, destacar que como a filosofia, a Sociopoética “[...] não é uma simples arte de inventar, de produzir os conceitos, ela é uma disciplina rigorosa, que tem como função primordial a criação de novos conceitos.” (SCHOPKE, 2004, p. 131). Assim, para a Sociopética, o grupo-pesquisador em sua heterogeneidade pode favorecer diferentes modo de se pensar um mesmo tema-gerador.

As pesquisas sociopoéticas se desenvolvem a partir de um tema-gerador, que pode ser definido anteriormente pelo pesquisador-oficial, ou pode ser escolhido junto ao grupo-pesquisador, nesse caso o tema “sexualidade na escola” foi decidido previamente. No intuito de trazer à tona o que os jovens pensam sobre a sexualidade no tecido escolar, jovens de ensino médio de uma escola pública do município de Ilha Grande (PI) foram convidados para fazer parte dessa pesquisa. Nove voluntários aceitaram o convite e se jogaram nas linhas dessa pesquisa. Primeiramente foi realizada uma oficina de negociação, na qual os princípios que orientam a pesquisa foram socializados.

Posteriormente, aconteceu a oficina de produção dos dados, momento em aconteceu uma vivência estética-afetiva-corporal a partir de uma técnica de pesquisa, um dispositivo que fez com que os jovens produzissem suas palavras sobre o tema sexualidade na escola. A técnica utilizada foi a de “cartografias sexuais”, nos primeiros momentos os corpos dos jovens da Ilha passaram a se deslocar pelo espaço, andando ora de modo frenético, ora de modo lento, foram distribuídas entre jovens lãs coloridas, que os mesmos passaram a soltar conforme andavam. Aos poucos, formou-se um emaranhado de linhas, o rizoma da sexualidade. As linhas entrelaçadas do chão, foram capturadas pelos olhares sensíveis de cada jovem, que transpuseram plasticamente para o papel com tinta guache a cena rizomática que lhe capturou os sentidos. Essa cena foi nomeada e a partir dela cada jovem falou sobre o tema sexualidade na escola.

Nesta pesquisa, após a produção dos dados os mesmos foram transcritos e logo após passaram pelo processo de análise classificatória, também chamada de análise viril. Neste momento o pesquisador-oficial passa a agrupar as ideias predominantes no pensamento do grupo-pesquisador, tendo em vista aquilo que é semelhante, divergente, ambíguo e oposto, relacionando e agregando as ideias em busca das linhas constitutivas do pensamento do grupo-pesquisador, e assim aos poucos os confetos, conceitos perpassado por afeto, são criados. Nesse processo, o pesquisador-oficial se deixa mergulhar no pensamento do grupo-pesquisador, de modo que “[...] os confetos aparecem somente no momento em que os facilitadores estudam o

pensamento do grupo-pesquisador como se fosse obra de um só cérebro [...]” (GAUTHIER, 2012, p. 77). Dupla captura, núpcias entre os pesquisadores-oficiais e os copesquisadores.

Ao concluir o processo de análise classificatória, o pesquisador-oficial passa a realizar os estudos transversais. Ao passo em que a análise classificatória agrupa as ideias em linhas que deslizam em diversos sentidos, dando consistência inicial aos confetos os estudos transversais fazem ligações diversas. Para Deleuze (2003, p. 161) “[...] é sempre nessa dimensão de transversalidade, em que a unidade e a totalidade se organizam por si mesmas sem unificar nem totalizar objetos ou sujeitos”.

Desse modo, os estudos transversais promovem conexões não totalizantes no pensamento do grupo pesquisador. Sobre a transversalidade, Barembliit (2012, p. 197) afirma que esta “[...] é capaz de provocar sínteses insólitas entre elementos incompatíveis, gerando efeitos a distância sem transmissores detectáveis, a partir de conexões locais”. Os estudos transversais fazem da pesquisa lugar de passagem, rompem as fronteiras favorecendo encontros diversos, deixando sempre abertas os portais da pesquisa, as conexões propostas permitem a entrada dos copesquisadores de outro modo.

É importante lembrar que para Deleuze e Guattari (1992, p. 27) o conceito é múltiplo, é uma articulação irregular de componentes, e desse mesmo modo, entendemos os confetos, “[...] cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões ou suas conexões presentes. Cada conceito tem componentes que podem ser, por sua vez, tomados como conceitos [...]”. O que a análise classificatória faz é agrupar os diferentes componentes dos conceitos, dando sustentabilidade aos confetos.

Neste sentido, na não-análise mulheril “É só ligar o que a análise opôs. Obrigar-se a pensar junto o que era oposto. É uma excelente disciplina. E a máquina produzida vai ser bem diferente da analítica, pois os pontos decisivos são diferentes” (GAUTHIER, 2012, p. 96). Os estudos transversais não produzem uma unificação das ideias, ao contrário, faz comunicações entre elas para que novas potências do pensamento do grupo-pesquisador possam ser produzidas. O que importa não é o todo, afinal “um mundo nunca poderá ser organizado hierárquica e objetivamente” (DELEUZE, 2003, p. 115). Assim, as diferentes forças que compõem a análise classificatória podem se comunicar, sem diminuir a energia heterogênea da pesquisa.

A não-análise “mulheril” é simples: é somente necessário introduzir continuidade e fluidez na descontinuidade e rigidez do viril. Mas como isso não é habitual na nossa cultura acadêmica, isso proporciona uma abertura da mente, um olhar completamente novo sobre as dinâmicas do pensamento imaginário. [...] Descobrimos outros pontos, linhas, planos a serem vistos... Vivemos, um pouco, na utopia concreta de uma

sociedade sem antagonismos, relacionada à natureza, quando experimentamos o
mulheril (GAUTHIER; SOUSA, 1999, p. 70)

O resultado da não-análise mulheril é a produção do texto transversal, que pode ser de gênero literário ou acadêmico diverso, a depender do processo criativo do pesquisador-oficial. Nesse processo, os diversos relatos dos copesquisadores se misturam, tecendo um rizoma, é possível se fazer conexões diversas. Tanto na análise viril como nos estudos transversais não necessário identificar o que cada copesquisador falou, as ideias pertencem ao grupo-pesquisador, pois complementam umas as outras, se opõem ou divergem, e ainda existem ideias ambíguas, realçando que estas ideias são resultados de um trabalho coletivo.

Embora cada copesquisador fale da sua experiência, não podemos negar que essa foi uma experiência coletiva, os fluxos energia circulavam no grupo, o grupo-pesquisador é o filósofo da pesquisa. O fato de ser um filósofo não exige o grupo tenha uma identidade integrada, harmoniosa, admitimos que um filósofo possa ter ideias opostas, ideias divergentes, ideias ambíguas, o filósofo pode discordar de si mesmo, pois em sua função ele pretende criar confetos e problematizar o tema-gerador em questão.

Atravessadas pelas linhas de pensamento do grupo-pesquisador produzimos uma história fictícia, ao longo do texto algumas perguntas são inseridas no intuito de provocar outras possibilidades de pensamento, é possível produzir textos transversais sem questionamentos e assim, favorecer ainda mais a heterogeneidade do pensamento. Mas, se optar por trazer questões, é importante, diminuir o diretivismo das questões, e deixar o campo aberto para as múltiplas entradas e saídas que os copesquisadores podem realizar a partir do texto. A seguir o texto criado a partir dos relatos orais da técnica de produção de dados Cartografias Sexuais.

JORGE E MADAME OHARA RUBI NAS LINHAS DA SEXUALIDADE NA ESCOLA

Jorge era um rapaz franzino, mas com o corpo atlético, de cabelo curto e enroladinho, olhos castanhos claros, estatura média. Um rapaz ágil e veloz que dividia com o pai a responsabilidade de sustentar a família. Sua força e agilidade vinham do trabalho que ele aprendeu com o pai: catar caranguejo. Já nem bem amanhecia o dia Jorge e seu pai deslizavam numa canoa mangue adentro, o vento balançava seus pequenos cachos, ele olhava atentamente seu reflexo nas águas barrentas de um dos afluentes do Rio Parnaíba, ele olhava um reflexo turvo, embaçado. Jorge não se reconhecia naquelas águas, na verdade nem se as águas fossem mais claras ele não se reconheceria. Ele tinha muitas dúvidas sobre quem ele era, o que ele queria. Já havia completado há alguns meses 15 anos e nunca havia namorado, Jorge tinha no peito alguns sentimentos estranhos e confusos.

É que Jorge sentia que tinha uma **Sexualidade Estranho Sufocada** que é uma sexualidade que a pessoa se sente sufocada por não saber o que quer, acha difícil ser aquilo mesmo que ela quer, ser ela e seguir por aquele rumo e não sabe como usar a sexualidade. Certa vez, ele ouviu pessoas comentando na escola que parecia que ele era Bissexual, Jorge não sabia o que era bissexualidade, mas pelo que entendeu **A Bissexualidade** é o ato de dois homens ou duas

garotas se gostarem. Ele também já ouviu comentários de que ele era **Homossexual**. Jorge se sentia apaixonado por um amigo, e de certa forma sentia que seu amigo se sentia assim em relação a ele.

Jorge pensava sobre muitas coisas deslizando em sua canoa, ele se sentia muito bem em meio a natureza, observando os guarás com suas plumas avermelhadas cortarem o céu azul da Ilha onde morava. Na canoa ele não ouvia as vozes e os comentários sobre sua sexualidade era apenas ele e seu velho pai. Mas o sol já brilhava com intensidade se posicionando bem alto no céu, Jorge e seu pai remaram de volta ao porto. Ao chegar em casa não havia muito tempo, Jorge banhava e almoçava para ir para escola.

Era da escola que as dúvidas sobre a sexualidade vinham, ele ouvia muitos comentários sobre a sua sexualidade, se ele fosse Bissexual ele sentia que a sua Bissexualidade estava no armário, que para ele **Bissexualidade no Armário** é aquela pessoa que não se mostra, que tenta se esconder, de mostrar o que ele é e o que ela sente realmente, fica se escondendo dos outros por medo dos outros ficarem culpando e julgando o jeito dela ser. Contudo, o que mais afligia Jorge era a dúvida de sair e não sair do armário, e a essa ambiguidade ele chamava de **Sexualidade enganchada** na qual a pessoa não quer assumir o que ela é, e também quer sair do armário, mas não consegue. Por isso ele tem muitas dúvidas por que ao mesmo tempo em que a pessoa não quer se assumir ela também quer se assumir, ao mesmo tempo em que não quer sair do armário ela quer sair.

Por isso, nesta confusão, ele não sabia se a sua maneira de viver a sexualidade poderia estar presente na escola por que **a bissexualidade** está presente no trajeto da escola e também não está porque as pessoas que são bissexuais têm medo de assumir, por medo do preconceito dos amigos aí ficam lá escondidos. Não saem do armário, ficam escondidos lá e pronto, aí tem vergonha de se assumir dos preconceitos. **Como é possível viver uma sexualidade enganchada, se ela está e não está na escola?**

Por isso um dos grandes **problemas da Sexualidade na Escola** são as pessoas que arroteiam, algumas aceitam outras não aceitam, entra o preconceito porque são contra, por isso a convivência com as pessoas torna a sexualidade difícil, não com quem você está se relacionando, mas com as outras pessoas. Por conta da convivência difícil na escola, Jorge se sentia reprimido, e a repressão de qualquer pessoa, a repressão por parte da sociedade, dos alunos, dos professores e dos amigos podem amedrontar a **Sexualidade na Escola**. Mas às vezes ele sentia como se não existisse repressão por parte dos professores, é praticamente mais por parte dos alunos. **Como acontece a repressão da sexualidade na escola? Como se trabalha na escola com esta questão?**

Com tantas dúvidas na cabeça, Jorge foi para escola, no caminho ele avistou de longe vários carros e pequenos caminhões com palhaços e mágicos, alguns animais também como um leão, um elefante e dois pôneis, um homem equilibrado em pernas de pau tinha um alto-falante e anunciava as atrações do Circo Le Rouge. Jorge amava o circo e ouviu atentamente todas as atrações, foi quando ele viu uma senhora gorda com uma verruga no nariz, parecia uma bruxa maléfica, mas seu sorriso era tão largo e brilhante que ele logo simpatizou com a tal senhora. Foi quando o apresentador convidou a todos para visitar a tenda de: “Madame Ohara Rubi, a cigana dos desejos, amor, sexo, dinheiro, trabalho e saúde, seja qual for o seu problema ou dúvida, Madame Ohara Rubi tem as respostas necessárias”. Os olhos de Jorge brilharam naquele momento como se refletissem o cetim vermelho da roupa da cigana. Já quase se atrasando para a escola Jorge teve que correr para não perder o primeiro horário, passou o tempo inteiro na escola pensando no Circo Le Rouge e em encontrar Madame Ohara.

Jorge pensava que a cigana poderia resolver suas dúvidas, pois se sentia **embarassadim nas linhas da sexualidade**, sufocado e sentindo algo diferente porque era muita linha e às vezes pode ser fácil entrar nas linhas da sexualidade, às vezes é difícil, agora pra conviver

com as linhas é que é difícil e o que dificulta é o preconceito. Pra escapar das linhas da sexualidade, às vezes é fácil, e às vezes é difícil. **É possível escapar das linhas da sexualidade na escola?**

Após o término das aulas, Jorge foi pra casa conversou com o pai sobre o Circo Le Rouge e pediu alguns trocados para comprar ingresso, se arrumou e foi. Chegando lá, Jorge percebeu que não apenas ele tinha tido a ideia de ir ao Circo, era como se todos da escola estivessem lá. Ele ficou um pouco envergonhado de ir à tenda de Madame Ohara Rubi, pois se alguém o visse seria um grande comentário na escola. Ele ficou andando pelo Circo, o dinheiro dava exatamente para comprar uma maçã do amor e pagar a entrada na tenda da bruxa dos desejos, ele mantinha o dinheiro no bolso direito, pois o bolso esquerdo estava furado.

Quando foi comprar a maçã do amor, Jorge encontrou Antônio o amigo por quem se sentia apaixonado, mas, na verdade, ele não sabia bem o que sentia. Ficou tão nervoso que guardou por engano o dinheiro no bolso furado. Jorge conversou rapidamente com o amigo, quando se despediram deram um abraço apertado. O coração de Jorge disparou tão rapidamente quanto o de Antônio como se fosse um coração a bater. Após o encontro com Antônio, a noite foi passando e poucas pessoas ainda estavam no Circo, quando Jorge percebeu que não tinha mais o dinheiro para entrar na tenda de Madame Ohara Rubi. Ficou triste andou por alguns instantes em volta da tenda da bruxa, foi quando achou uma pequena brecha e passou a bisbilhotar cuidadosamente para não ser visto.

A cigana estava sentada e em sua mesa repousava uma reluzente bola de cristal. Em frente a ela, uma mulher em seus quarenta anos sentava-se com sua mão estendida e aberta em cima da mão da cigana. A mulher dizia que **Sexualidade Dor** é quando tem duas pessoas que começam um relacionamento e sempre tem uma pessoa que não quer, aí começa a fazer a pessoa se sentir mal, por isso sempre tem a dor. Em oposição, a Cigana lhe respondeu que **Sexualidade Amor** na escola é pra ter amor, carinho e não brigas, preconceito.

A senhora quarentona se despediu da bruxa e ao levantar acabou por torna visível o reflexo de Jorge na bola de cristal, e inesperadamente, a velha senhora gorda exclamou: “Entre meu garoto, fique à vontade!”. Jorge ficou trêmulo, entrou na tenda, e ela continuou: “Sente-se, posso ver pelo seu rosto que você tem muitas dúvidas”. “Mas eu não tenho dinheiro, disse Jorge”. Ao que Madame Ohara respondeu: “Como hoje foi o primeiro dia do Circo, e arrecadamos bastante dinheiro, permitirei que converse comigo sem lhe cobrar nada”.

Madame Ohara Rubi, percebeu no canto do olho de Jorge um pouquinho de alegria, mas o seu rosto ainda era de quem tinha muitas dúvidas, a cigana então perguntou: “E então, o que será: amor, sexualidade, dinheiro ou saúde, você quer saber algo em especial? Hum... parece que o gato comeu sua língua, mas para meninos tímidos eu tenho um jogo de cartas especial”.

E afastando a bola de cristal da mesa, tirou de um de seus bolsos um jogo de cartas estranho, pois no verso todas as cartas tinham um grande rubi vermelho, do outro lado não havia nada, a carta era branca. A cigana então disse “Não se preocupe esse é um baralho mágico, suas cartas formam diferentes desenhos de acordo com a pessoa que tira a carta”. A cigana embaralhou as cartas e as colocou num grande monte em frente a Jorge, dizendo “Vamos, tire a primeira carta!”.

Jorge, com a mão trêmula retirou a primeira carta e colocou-a sobre a mesa com o lado branco voltado para cima, ele percebeu que rabiscos começavam a se formar na carta, um emaranhado de linhas coloridas, rapidamente o desenho foi completado e Madame Ohara Rubi pegou a carta e disse: “Essa é a carta da **Sexualidade dor inventando coisa nos trajetos da sexualidade** e diz quando na escola as pessoas começam um relacionamento e não conseguem viver em seu livre arbítrio, não conseguem viver no seu canto, sozinha, querendo suas coisas, fazendo suas próprias escolhas, sempre tem aquelas pessoas, colegas, que vem

dar opinião mesmo que a gente não queira, gostam de ficar inventando coisa e faz a gente se sentir mal”.

E Jorge tomando coragem para falar mostrou a confusão que é viver essa **sexualidade dor inventando coisa** por que ela é e não é uma forma de preconceito. Pois depende de quem provoca a dor. É que os colegas, às vezes, ficam falando com preconceito e, às vezes, nem é preconceito, é só por fofoca mesmo. Pode ser amigo, amigo mesmo, mas pode está em outro grupo e ficam falando da pessoa, mas ela não está nem aí.

Abrindo outra carta, o desenho criado é da **Sexualidade Liberdade Colorida**, mas ela logo ver problemas no seu trajeto na escola, porque com esta sexualidade também muitas pessoas têm preconceito com o que a pessoa é, ficam jogando piada, fazem fofoca, falam com preconceito da pessoa que ela anda, o jeito que ela se veste, o jeito que ela é, **mas a pessoa tem que relevar**. A atitude dessas pessoas fortalece o preconceito na escola, porque vamos supor, que ela não é preconceituosa e eu sei que tem uma lésbica aqui na escola, e eu começo a falar mal dessa lésbica, a minha amiga vai acabar não gostando dessa pessoa. E ela vai ficar espalhando também, do jeito que eu falei ela vai ficar falando dessa pessoa.

Em meio as cartas abertas, Madame percebe que mesmo com a fofoca e o preconceito é possível ter a **Sexualidade Liberdade Colorida na Escola**, mas quando outra carta é levantada o destino que se leu foi o de que não é possível viver a **Sexualidade Igualdade** porque igualdade nem todo mundo aceita e a opinião daquele que acha que homem tem que gostar de mulher, e mulher tem que gostar de homem, sempre não vai aceitar a opinião do outro. **O que a escola faz para que a sexualidade Liberdade Colorida na Escola possa existir na escola?**

A cigana explicou que **Sexualidade Igualdade** na escola é aquela sexualidade em que todos nós somos iguais perante a lei não importa a cor ou se aquele gosta daquele menino e as pessoas têm que respeitar o que o outro escolhe. A Cigana Ohara, ainda observando na mesa a cara **Sexualidade Igualdade** ela destacou nessa sexualidade as pessoas têm que respeitar o que o outro escolhe, foi quando retirando mais uma carta ela exclamou: “Já em oposição a **Sexualidade Igualdade**, esta é a carta da **Sexualidade Grupinho da Diversidade**, na qual as pessoas não fazem suas escolhas por que os outros não respeitam”. Jorge, um pouco confuso com as ideias opostas ficou pensando:

E com muitas ideias na cabeça, Jorge perguntou: “E quais são os aliados que podem ajudar a sexualidade na escola?”. Madame Rubi olhou as cartas abertas na mesa, e fixando o olhar sobre os rabiscos da carta **Sexualidade Grupinho da Diversidade**, disse que: Na **Sexualidade em Grupinho** não é nem a pessoa que se chega, é mesmo os outros que se chegam na pessoa, tentam empurrar a pessoa que sente excluída pro meio, tentam ajudar. Tem quem não goste, vai para o canto, mas tem quem goste. Por isso, na **Sexualidade Dor**, companheirismo, cumplicidade e parceria podem ser aliados para superar a dor.

Jorge pensou nos amigos que tinha na escola e o quanto eles eram importantes para todos os dias mesmo com o preconceito ele ainda pudesse voltar a escola. Jorge, querendo saber mais sobre os aliados da sexualidade retira outra carta e a põe sobre a mesa, quando observa os rabiscos Ohara Rubi diz: “Essa é a carta **Sexualidade ‘estranho’**, é uma sexualidade que quer si descobrir, mas é difícil descobrir”.

Jorge, arregalando bem os olhos perguntou: “Eu quero me descobri, mas realmente é muito difícil, o que posso fazer?”, a cigana respondeu: “A experiência pode ajudar na descoberta da sexualidade estranho na escola. Pra ter experiência com a sexualidade na escola, não sei, ver como a pessoa age em relação a si mesmo, não sei”.

A cigana Ohara disse que o caminho da descoberta da sexualidade era longo, e ao retirar mais uma carta do baralho disse: “Essa é carta da **sexualidade que se assume e não pode voltar atrás** é quando a pessoa se assumiu e quer sair por ver as pessoas criticando muito, não pode voltar atrás porque as pessoas pensam que não se pode mudar que isso é

impossível". **“Como fazer para enfrentar esse problema de uma sexualidade que não pode voltar atrás?”**

Retirando mais uma carta, Madame Rubi disse: "Vejam os rabiscos dessa carta, hum... em oposição a **sexualidade que se assume e não pode voltar atrás**, essa carta é a **Sexualidade Crazy** onde é tudo misturado porque nem sempre a sexualidade vai ser só uma, tem vários caminhos para a sexualidade, várias opções, várias chances". **Como acontece uma sexualidade misturada na escola?**

Foi então que a Cigana bocejou, e percebendo que Jorge estava bastante pensativo com as várias coisas que já tinham conversando, decidiu encerrar a conversa pedindo para que Jorge retirasse uma última carta. E a carta que se revelou foi à carta da **Sexualidade Liberdade Crazy Colorida**, e Madame Ohara disse: “essa carta diz que você não precisa ter medo de expor sua sexualidade, ter medo de fazer suas escolhas, pois tudo parte de uma escolha. Então pegue a sua linha da sexualidade e leve do jeito que for, não depende da cor, por que quanto mais colorido melhor. As pessoas têm o direito de escolher aquilo que elas querem, ser livre pra fazer aquilo que quer. Você precisa viver do jeito que você gosta, sem se importar com as decisões ou olhares estranhos de outras pessoas, se você se sente bem daquele jeito, e se você quer ser.”

Madame Ohara Rubi, deu um largo sorriso e disse “Meu filho, vá e seja feliz”, Jorge ficou muito agradecido com a conversa que teve com a cigana, ele até sentiu vontade de abraçá-la, mas como era tímido apenas retribuiu o sorriso. Ele saiu contente e cantarolando, quando chegou em casa seu velho pai exclamou “O que isso menino, que alegria é essa”. “Nada pai, só estou feliz”, respondeu Jorge. “Essa juventude!”, retrucou o pai. Jorge dormiu e teve lindos sonhos.

LINHAS DE CONTRA-ANÁLISE

Após os processos de análise viril, e de não-análise mulheril, de posse do texto transversal, marcamos uma nova oficina com o grupo pesquisador, a oficina de contra-análise momento em que os jovens da Ilha poderão transver os dados que foram produzidos. A oficina foi conduzida da seguinte maneira, cada jovem tinha uma cópia impressa do texto transversal **“Jorge e Madame Ohara Rubi nas linhas da sexualidade na escola”**, então foi realizada uma leitura coletiva, a cada questão problematizadora era feita uma pausa para que os jovens dissessem mais uma vez as suas palavras. Para este texto, selecionamos apenas algumas questões, para que seja possível observar o modo como o texto transversal potencializa a produção de subjetividades dos jovens.

A primeira questão foi **“Como é possível viver uma sexualidade enganchada, se ela está e não está na escola?”** O grupo-pesquisador discutiu o seguinte

A sexualidade é falada, é comentada na escola, mas, ao mesmo tempo, é omitida, é tipo isso. Às vezes as pessoas comentam a sexualidade na escola, às vezes sim, porque não?

Às vezes? Todo dia comentam a sexualidade de qualquer um da escola, só basta à pessoa saber, que alguém vai sair com alguém, não adianta encubar, o jeito que as pessoas comentam a sexualidade é

assim: “ele vai sair com fulano de tal”, eles falam assim, mas lá fora não, perto da família, lá fora, a gente não sente esses comentários não.

Existem bissexuais na escola, se tivesse uma escola com 150 alunos e todo mundo fosse heterossexual, que escola paia que ia ser. Tem que ter uma pessoa, não pode ser todo mundo igual, até na sociedade existe bissexuais, travestis e gays. Eu acho que seria paia Porque agente se sentiria muito normal. Tem que existir a pessoa pateta, a pessoa séria, do bem, engraçada, palhaça.

Eu acho que a escola não fica melhor porque a pessoa é ou não é, e também não fica pior porque ela é ou não. Mas, para as pessoas que gostam de falar, ficaria sem graça, porque cadê o comentário, o babado, a briga.

Eu acho que não, que tanto faz, seria normal.

Essa questão do bissexual está e não está na escola, tipo um menino na escola ele quer ser “gayzinha”, mas em casa ele é bem macho, com medo da família, da repressão, com alguns amigos ele se sente a vontade para falar e com outros não.

Pode ser também a pessoa não querer se assumir, falar só pra quem ela acha que deve saber, pra que ela tem confiança.

Dando continuidade ao texto, a segunda pausa ocorreu a partir dos seguintes questionamentos: **“Como acontece a repressão da sexualidade na escola? Como se trabalha na escola com esta questão?”** Ao que os jovens problematizaram que

O Bullying é uma prática de repressão da sexualidade na escola. Mas às vezes eu acho que já teve mais. Hoje em dia é bem aceito, pelo menos na nossa sala. (*risos irônicos*). É extremamente bem aceito, agente até faz brincadeira, mas é brincadeira que nem dói na pessoa, não é como forma de repressão não.

É como se fosse “zoação” entre eu e a pessoa, elas se sentissem bem, às vezes com um pouco de vergonha, as vezes não.

Não sei se antes era pior, mais pelo menos na nossa sala, eu acho bem aceito.

Eu acho que aqui na escola tem preconceito, não sei, na outra escola que eu estudava só tinha dois bissexuais e um gay, acho que tinha mais, mas as pessoas tinham medo de se assumir por que tinha muita gente preconceituosa.

Na escola as pessoas quem reprimem tem mais vergonha de reprimir do que a própria pessoa que antes era reprimida, tipo isso. As pessoas estão com mais vergonha de fazer bullying pelo fato da pessoa ser gay do que a pessoa ter vergonha de ser gay. Aumentou o número, tipo eu não vou fazer bullying só com um agora tem dez, vai que essas pessoas se revoltam contra ele. Por isso, os que não gostam estão com mais vergonha do que as pessoas que são.

Nessas situações de bullying a escola não se envolve. Mas teve um caso, de um menino que gostava de se vestir de mulher, ele até dançou a Anita, ele sofreu um monte de bullying na sala dele, e por isso foi reclamar na direção. A direção falou uma vez com os alunos, mas não teve jeito, o aluno teve que ser transferido para a noite. A direção fez algo, mas continuou a mesma coisa, então é como se não tivesse feito nada. Mas se a escola tivesse mais interesse eles teriam feito alguma coisa pra resolver a situação. Mas uma coisa é certa, o que agente estava fazendo na nossa sala não é bullying é só uma brincadeira, agora ofender a pessoa de um jeito que ela se sinta acuada, constrangida, aí já é pra processar mesmo, a pessoa pode até ficar traumatizada e nem estudar mais aqui.

Outra questão, tipo namoro na escola, aqui não é lugar, aqui não tem repressão quanto a isso. Só se atrapalhar os estudos, tipo se eles tiverem “gaziando” pra namorar, aí a direção vai chamar a atenção.

Mas namorar no pátio, num tem nada, mas tem escolas que nem permite andar de mãos dadas e nem beijar. Mas tem que ser decente se não perde o respeito.

Também na oficina de contra-análise o grupo-pesquisador fez suas considerações sobre o seguinte trecho: **“O que a escola faz para que a sexualidade Liberdade Colorida na Escola possa existir na escola?”**

Eu acho que de certa forma a escola está bem liberal, eu não vejo tanta pressão, do tipo pra pessoa abafar o que ela é. Eu acho que hoje em dia, pelo menos na escola as pessoas têm liberdade pra escolher isso de boa. Ela pode ser criticada, mas hoje em dia o que a gente faz que não seja criticado? Tipo, eu fico com um menino e ele não é tão bonito, as pessoas me criticam por isso.

Eu acho que não tá tendo mais tanto esse problema, eu fala da nossa escola, as pessoas têm aceitado bem mais. Acho que quem pratica, está com mais vergonha de praticar o Bullying.

A sexualidade é uma coisa que a escola não foca, ela fica neutra e eu acho que a escola não deveria por que esse é um problema das pessoas que convivem na escola de gostar ou não gostar, criticar ou não criticar, um problema da sociedade por que na escola a gente vê mais como um conteúdo de estudo, o resto é consequência de viver em sociedade.

Eu acho que isso poderia ser foco da escola se isso atrapalhasse as atividades da escola, a escola não se envolve muito nisso não, a escola permite namoro, então tá tudo “super” liberal.

Assim, eu sempre soube que não pode namorar na escola, acho que não é lugar pra isso, tipo, a sexualidade não é função da escola.

Seria até legal se a escola fizesse alguma atividade, mas acho que as pessoas já estão sabendo demais. Mas nunca é demais, seria legal como uma atividade interdisciplinar, não é uma coisa necessária, mas é sempre bom.

Mas aí tem que envolver os pais né, por que tem pais que são da geração de pedra, não são da nossa geração e pensam que falar sobre essas coisas vão induzir a pessoa a ser gay, a ser lésbica. E isso não é induzir é orientar como as palestras sobre DST's, gravidez na adolescência, aí os pais pensam que isso vai induzir a pessoa fazer sexo, mas, na verdade, isso ajuda as pessoas a fazerem sexo sem o risco de pegar uma DST, AIDS. Por isso tem que providenciar essas oficinas são para os pais, porque esse povo tem mais preconceito do que a gente, por que eles ficam dizendo “Aí que horror, isso é horrível, homem tem que ficar é com mulher”. Eu conheço uma mãe que não aceita a filha ser lésbica, e tem muitos pais que aceitam o dos outros, mas os próprios filhos não.

Assim, na escola em que eu estudava era proibido namorar. Se uma pessoa quisesse namorar com uma pessoa do mesmo sexo e fosse reclamar que estava sofrendo preconceito, aí a diretora chama as pessoas que estavam fazendo isso, mas ela diz pra pessoa que foi falar com ela que se ela não quisesse sofrer pra não fazer isso na escola, por que a escola não é lugar de namoro, é lugar de estudar. Mas, lá na escola, assim atrás da escola menino e menina podia se beijar, mas menino e menino e menina e menina, aí não podia.

Nesse processo de leitura coletiva do texto transversal, os jovens da Ilha trouxeram outros elementos sobre o tema sexualidade a escola a partir da seguinte pergunta: **“Como fazer para enfrentar esse problema de uma sexualidade que não pode voltar atrás?”**. O grupo propôs que:

É meio um caminho sem volta, ele pode até mudar, digamos deixar de ser gay, mas as pessoas não aceitarão as mudanças, por mais que ele case e tenha filhos, sempre vai ficar aquela dúvida: “esse daí que não é encubado”.

A pessoa pode mudar, sexualidade é um sentimento, às vezes muda, tem pessoas que tem o mesmo sentimento à vida inteira tem pessoas que mudam, tem pessoas que gostam de meninos e meninas.

Eu acho que a homossexualidade é algo que vem de si próprio e que não se muda, e não tem cura gay.

Mas tem pessoas que gostam de homens e mulheres que são os bissexuais.

Tem mulher que começa a gostar de outra mulher por que tipo acha que homem não vale nada e tal. Tem menino que já começa de cedo, a gente já sabe que pode ser gay. Então são vários casos, e a gente não pode especificar é isso ou isso, se pode mudar ou não, a pessoa que escolhe, que decide. Ninguém nasceu pra ser a mesma coisa, sempre. Os outros podem criticar, mas eu acho que não podemos nos basear pelo que as pessoas vão pensar.

A oficina de contra-análise aconteceu em clima descontraído, os jovens ampliaram as questões emergenciando outras formas de pensar o tema-gerador sexualidade na escola, para além daquilo que eles haviam proposto na oficina de produção de dados. Esse processo de contra-análise, não é como a lembrança que rever, é um processo de transver, como propõe Manoel de Barros poeticamente, o texto transversal produz outros modos de ver-de-ouvir dos dados da pesquisa.

LINHAS PARCIALMENTE CONCLUSIVAS

Imbricada, numa perspectiva ética e coletiva de pesquisa, a Sociopoética por meio da oficina de contra-análise permite que os copesquisadores não sejam meros instrumentos do conhecimento científico, pelo contrário, eles participam dessa produção, podem desdizer, dizer de outro modo, confirmar, negar, ampliar... O objetivo desse texto não era o de trazer o que os especialistas sobre sexualidade na escola estudam, de outro modo, queríamos trazer a tona aquilo que jovens de uma Ilha ao norte do Piauí pensam. Contudo, na Sociopoética fazer ligações entre o pensamento do grupo-pesquisador e as ideias de outros filósofos é possível, no momento que denominamos análise filosófica ou síntese disjuntiva.

A partir desse texto, pretendemos socializar a caixa de dispositivos de pesquisa da abordagem Sociopoética, como outros pesquisadores e pesquisadoras tem feito ao longo desses mais de vinte anos de existência da Socipoética. Desse modo, é importante perceber que a produção de um texto transversal se configura em um dispositivo de pesquisa que possibilita de forma potente um retorno dos dados ao grupo. Acreditamos que o texto transversal, possa ser utilizado em outras abordagens de pesquisa que desejam romper com as fronteiras rígidas entre pesquisadores e participantes da pesquisa. Além do mais, o texto transversal favorece a multiplicidade do pensamento.

A oficina de contra-análise realizada por meio do dispositivo do texto transversal é um momento em que a Sociopoética reafirma o seu compromisso com a produção coletiva de conhecimento. Mais do que um princípio, o grupo é o alicerce visceral sobre o qual a Sociopoética frutifica no pensamento a diferença. A compressão é que os copesquisadores são responsáveis pela produção de conhecimentos, é fundamental. A oficina de contra-análise abre novos espaços e tempos para que o grupo-pesquisador transveja sua produção. Por fim, compreendemos que os estudos transversais e a contra-análise produzem uma heterogênesse do pensamento, trazendo a pesquisa uma condição nômade de aprendizagem coletiva.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2.ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GAUTHIER, Jacques. *O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. Curitiba: CRV, 2012.

GAUTHIER, Jacques; SOUSA, Leliana Santos de (Coord.) *Poder e potência - saber e ciência: uma pesquisa sociopoética*. Salvador, NEPEC, 1999.

PETTI, Sandra Haydée; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ideias sobre confetos e o diferencial da sociopoética. IN: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva. *Entrelugares: tecidos sociopoéticos em revista*. Fortaleza: EDUECE, 2018.

SCHOPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensamento nômade*. São Paulo: Edusp, 2004.

BAREMBLIT, Gregorio F. *Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes: Teoria e Prática*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2012.